

## A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MODERNO EM DURKHEIM E SIMMEL

Artigo recebido em 22/06/2021 aceito em 02/06/2021

*Beatriz de Souza Diniz\**

Mestranda em Sociologia Política pela Universidade Vila Velha, Advogada.

*Víctor Aguiar de Almeida\**

Mestrando em Sociologia Política pela Universidade Vila Velha, Advogado

### RESUMO

Estudar a sociedade moderna pressupõe o estudo dos indivíduos que a compõem, de modo que ambos são influenciados e transformados ao longo do tempo. Com o advento da “modernidade”, marcada principalmente pelo capitalismo, muitas foram as discussões travadas a respeito da trajetória do pensamento humano e o seu processo de construção, tendo em vista os inúmeros conflitos ideológicos instaurados naquele período de transformação social. Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo traçar considerações a respeito da construção do sujeito no período moderno, a partir do pensamento dos sociólogos Émile Durkheim e Georg Simmel, uma vez que influenciados por um mesmo contexto histórico, buscaram entender os elementos do processo de transição para a sociedade moderna, como a divisão do trabalho, e as transformações causados nos sujeitos modernos e o prelúdio de uma nova forma de coesão social.

**Palavras-chave:** Modernismo (Modernidade). Sociedade moderna. Sujeito moderno.

### ABSTRACT

Studying modern society presupposes the study of the individuals that compose it, so that both are influenced and transformed over time. With the advent of “modernity”, marked mainly by capitalism, there were many discussions about the trajectory of human thought and its construction process, in view of the innumerable ideological conflicts established in that period of social transformation. Therefore, the present work aims to outline considerations regarding the construction of the subject in the modern period, based on the thinking of the sociologists Émile Durkheim and Georg Simmel, since influenced by the same historical context, they sought to understand the elements of the transition process for modern society, such as the division of labor, and the transformations caused in modern subjects and the prelude to a new form of social cohesion.

**Keywords:** Modernism (Modernity). Modern society. Modern subject.

### 1. INTRODUÇÃO

Considerados clássicos da sociologia, Émile Durkheim (1858-1917) e Georg Simmel (1858-1918) desenvolveram uma teoria da modernidade com o objetivo de compreender como os indivíduos são capazes de viver em sociedade, diante de uma nova estrutura social criada a partir da transição das sociedades tradicionais para as sociedades modernas (ARAÚJO *et al*, 2019).

O conceito de “modernidade” divide opiniões, uma vez que pode ser considerada em diferentes aspectos como do humanismo, da aceleração do tempo histórico, do surgimento e

difusão das filosofias e da história, da separação do ser humano e da natureza, ou ainda, podendo ser identificada a contar do capitalismo e das transformações geradas com as revoluções tecnológicas e sociais naquele período de transição (CARVALHO, 2019). A respeito disso, Latour (1994) afirma que a modernidade possui tantas definições quantos forem os jornalistas ou pensadores. No entanto, todos os sentidos apontam de alguma forma para a passagem do tempo. Assim, por meio do adjetivo “moderno”, assinala-se um novo regime, uma ruptura, uma aceleração, uma revolução do tempo. Em relação as palavras “modernidade”, “moderno” e “modernização” encontra-se definido, por oposição, um passado estável e arcaico.

Ambos os autores, Durkheim e Simmel, viveram inseridos em um mesmo contexto histórico o que fez com que suas obras tivessem algumas semelhanças, sendo certo que a importância da divisão do trabalho foi um dos elementos que levaram a reflexão acerca dos processos de mudança estrutural que perpassaram a transição para a sociedade moderna. A mudança percebida na dinâmica das interdependências e das interações provocou uma reorganização da sociedade e dos elementos que a compõem, tendo em vista o aumento da individualização que é uma das características da modernidade (ARAÚJO *et al*, 2019).

Em razão dessa mudança estrutural da sociedade, os autores passaram a desenvolver seus estudos com o escopo de compreender como essa nova sociedade, chamada moderna, resiste à ruptura e outorga uma nova forma de coesão social. Dessa forma, o sujeito assume um papel de centralidade, em decorrência dos processos de transição e consolidação que aconteciam ao mesmo tempo (ARAÚJO *et al*, 2019).

Face ao exposto, o presente trabalho tem como objetivo estabelecer uma comparação entre o pensamento dos dois autores em relação a construção/noção do sujeito, bem como o seu lugar para a modernidade, enquanto momento histórico, político e social. Assim, passa-se a entender o sujeito como figura representativa dessa nova sociedade, ou seja, como norteador e inviolável fonte de energia de uma época que é moldada por ele próprio.

## **2. A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MODERNO EM DURKHEIM E SIMMEL.**

Em suas obras, Émile Durkheim preocupa-se com os efeitos que as transformações sociais advindas da modernidade poderiam estar causando na constituição moral do homem moderno e na coesão do corpo social. O autor usa o fenômeno da divisão do trabalho social para apreender esse processo, bem como explicar suas consequências, elaborando uma teoria funcionalista e estrutural da sociedade (CARVALHO, 2019).

Assim, para Durkheim (1999) a divisão do trabalho social pode ser entendida como

uma especialização funcional, na qual cada indivíduo insere-se em uma sociedade diversificada e complexa, exercendo determinada função dentro do organismo social. Ocorre que esse fenômeno largamente difundido na sociedade moderna geram efeitos além dos observados na economia e na produção, uma vez que detém um caráter moral, gerando consequências no modo como a sociedade se organiza e, ainda, na consciência coletiva que a compõe, tornando-se o principal fator de coesão social nas sociedades modernas (CARVALHO, 2019).

Considerada sob esse aspecto, diz ele, a divisão do trabalho leva imediatamente a encarar não apenas os indivíduos e as classes, mas também, sob muitos aspectos, os diferentes povos, como participantes, ao mesmo tempo e de acordo com um modo próprio e um grau especial, exatamente determinados, de uma obra imensa e comum, cujo inevitável desenvolvimento gradual também liga, aliás, os atuais cooperadores a série de seus predecessores e mesmo a série de seus diversos sucessores. Portanto, é a repartição continua dos diferentes trabalhos humanos que constitui principalmente a solidariedade social e que se torna a causa elementar da extensão e da complicação crescente do organismo social. (DURKHEIM, 1999, p. 29 *Apud* CARVALHO, 2019, p. 200-201).

Com isso, criaram-se algumas categorias que foram instrumentalizadas na observação do funcionamento da sociedade, motivando o autor a explicar o fenômeno da divisão do trabalho social e as suas consequências para a sociedade, sobretudo no que se refere a coesão social (CARVALHO, 2019).

O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chama-lo de consciência coletiva ou comum” (DURKHEIM, 1999, p. 29 *Apud* CARVALHO, 2019, p. 201).

A consciência coletiva, da qual Durkheim faz referência, é o elemento formador da solidariedade social que compõe a sociedade e garante sua coesão, de modo que estabelece nos indivíduos um sentimento de pertencimento a uma mesma comunidade, em razão da sua interdependência ou da sua semelhança. Dessa forma, busca criar uma contraposição entre a sociedade moderna e as sociedades vistas como “inferiores” ou “primitivas” como forma de ilustrar essa transformação e demonstrar sua visão a respeito de seus efeitos na formação da sociedade moderna. No entanto, seria nessas sociedades “primitivas” ou “inferiores” que a consciência coletiva teria uma grande influência sobre a individualidade de seus membros, vez que eram pautadas na tradição, nos costumes, com economia predominantemente agrária e que o corpo social seria influenciado pela religião (CARVALHO, 2019).

Destarte a divisão do trabalho nestas sociedades “primitivas” era pouco difundida e impulsionava a formação de sociedades mais simples em que não havia grandes diferenças

entre seus membros, então, o que elemento que garantiria a coesão seria a solidariedade mecânica, justamente por estar pautada na semelhança entre os membros do corpo social, trazendo uma uniformidade para a consciência coletiva. Por outro lado, nas sociedades modernas, a solidariedade orgânica formada a partir de uma interdependência entre os membros do corpo social seria a essência da divisão social do trabalho em decorrência do processo de especialização funcional em que os indivíduos estavam sendo inseridos a partir da chegada da modernidade. Outrossim, essa especialização funcional permitiu a construção do sujeito moderno de uma maneira cada vez mais autônoma em relação à sociedade. E, ainda, quanto mais a divisão social do trabalho foi se tornando uma marca das sociedades, mais espaço foi sendo aberto para a personalidade individual (CARVALHO, 2019)

As transformações da sociedade permitiram que novas formas de viver se tornassem possível, porém, por mais que a divisão do trabalho fosse um dos fatores formadores da solidariedade social nas sociedades modernas, as mudanças que aconteceram na sociedade em função desse fator aconteceram mais rápido do que a normatização dessas mudanças. Por isso, existiria um estado de “anomia” que coloca em risco a coesão social, em razão da falta de instituições e normas reguladoras que deveriam cumprir as funções de coordenação e regulação da sociedade (CARVALHO, 2019).

Dessa forma, pode-se afirmar que a modernidade, segundo Durkheim (1999), seria um período no qual a distinção entre os indivíduos, a partir da divisão do trabalho social, formaria diferentes relações sociais e novos sujeitos mais autênticos. Seria um tempo e em que as relações sociais seriam mais complexas, o que criaria um ambiente que favorecesse o desenvolvimento da personalidade individual (CARVALHO, 2019).

Analisando as obras de Georg Simmel, “O fenômeno urbano”; “As grandes cidades e a vida do espírito”; *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*”, nota-se que o autor procurou observar e criticar o seu meio social através de uma reflexão sobre a cultura moderna. Segundo relata em “Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade” (SIMMEL, 2006), a sociedade existe a partir de interações da relação entre sujeito e objeto, assim, passou a pensar os fenômenos que estruturaram a sociedade moderna, como por exemplo, a economia monetária e, assim como Durkheim, a divisão do trabalho social (LIMA, 2012).

Simmel (1976) afirma que os indivíduos que dividem os espaços das cidades em sociedades urbanizadas podem desenvolver consequências psicológicas e, devido ao modo de ser inerente ao espaço urbano, acabam adotando comportamentos que levam ao distanciamento das relações afetivas. Diferente dos homens primitivos que lutavam com a natureza para a autopreservação, os homens modernos lutavam entre o interior e o exterior

(LIMA, 2012).

Os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica da vida (SIMMEL, 1976, p. 11).

Isso porque o homem metropolitano está exposto a um número muito maior de estímulos nervosos se comparado ao homem do campo, de modo que o contraste do campo com a cidade grande é o mais lento e o mais rápido, entre o nunca habitual e o habitual, devido as mudanças constantes de sons, imagens e outros elementos, o que tornaria possível uma ocorrência de uma “overdose” de estímulos nervosos, provocando um desequilíbrio emocional (LIMA, 2012).

Nesse contexto, Simmel (2005) traz para discussão os processos de “intelectualização” e de configuração da “atitude *blasé*”. O primeiro deles consiste em uma elevada consciência e a predominância da inteligência nos indivíduos metropolitanos que desenvolveram um órgão chamado “intelecto”, situado nas camadas superiores do psiquismo, que seria capaz de protegê-lo das ameaças do ambiente externo, de modo que quando o indivíduo é exposto a contrastes e mudança de fenômenos, não causa transtornos interiores. O segundo processo é a “atitude *blasé*” que tem sua essência na cidade grande, onde a economia monetária está instalada por completo, pois, como os indivíduos conseguem o que desejam por meio da moeda, as coisas acabam sendo destituídas de substância, ou seja, seus significados e valores deixam de ser percebidos. Assim, os objetos acabam perdendo seus valores qualitativos prevalecendo apenas os valores quantitativos, uma vez que o dinheiro acaba se tornando o nivelador de tudo e todos e, conseqüentemente, as pessoas deixam de se interessar pela individualidade do outro (LIMA, 2012).

Talvez não haja nenhum fenômeno anímico que seja reservado de modo tão incondicional à cidade grande como o caráter *blasé*. Ele é inicialmente a conseqüência daqueles estímulos nervosos — que se alteram rapidamente e que se condensam em seus antagonismos — a partir dos quais nos parece provir também a intensificação da intelectualidade na cidade grande (SIMMEL, 2005, p. 581).

Percebe-se que o autor mostra que na modernidade existe uma incompatibilidade entre o ritmo de crescimento da cultura objetiva e a cultura subjetiva, uma vez que esta última teve o processo mais lento. Com o grande avanço em diferentes campos de conhecimento, acabou ocorrendo um grande desenvolvimento do espírito objetivado das coisas, mas a cultura dos indivíduos não conseguiu acompanhar tal crescimento, ao invés disso, o cultivo da personalidade e da natureza dos sujeitos foi sobreposto a autonomia própria das coisas, pois

a cultura foi suplantada por valores da civilização moderna capitalista (SIMMEL, 2005).

Este fenômeno teria sido causado pela divisão do trabalho e a sua crescente especialização, proporcionando que os objetos ganhassem uma autonomia própria, criando, então, uma preponderância sobre o sujeito, como se os objetos existissem independentemente dos homens, caracterizando a tragédia moderna. Esta alienação está ligada a dinâmica dos meios de produção, uma vez que um objeto é produzido por vários sujeitos, diferente do que ocorria na produção artesanal, assim, o trabalhador acaba não se enxergando no resultado final de seu trabalho. Ademais, na medida em que a produção se especializa e ocorre o aumento da variedade de produtos, o desejo dos humanos é aumentado, impossibilitando simples trocas imediatas de produtos entre consumidor e produtor, tornando-se necessário o dinheiro como elemento de intermediação (LIMA, 2012).

Assim, o dinheiro vai trazer uma “liberdade” aos sujeitos, na medida em que as relações sociais se transformaram em um elemento técnico, que não depende de colaboração pessoal, libertando os sujeitos de situações constrangedoras, vez que passou a ser considerado pelo todo em razão de sua contribuição quantitativa, o que gera um forte individualismo (LIMA, 2012).

No entanto, muito embora o indivíduo seja o elemento mais particular, ele não está dissociado das condições de uma vida em sociedade, por isso, o autor considera-o como um aspecto fundamental para que a vida social seja entendida e não como um elemento isolado, deslocado ou autônomo. No entanto, são consideradas as capacidades de conexões e as redes de relações como sustentos da vida social, de modo que a sociedade é vista como um mecanismo natural da vida social (ARAÚJO et al, 2019).

Segundo Simmel (2006), as manifestações sociais recíprocas fazem parte da essência de uma sociedade que está em um processo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução, por isso, estabelece o termo “sociação” para definir o processo de interação entre os indivíduos que passam a utilizar sistemas de cooperação e colaboração (QUEIROZ, 2016).

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana. (SIMMEL, 2006, p. 60).

Desse modo, a “sociação” poder ser entendida como aquilo que propicia a emissão ou recepção de uma ação física e, também, da influência exercida por outro indivíduo. Funda-

se em interesses e motivações, não podendo ser considerada isoladamente para que o caráter social não se perca, de modo que somente poderão ser considerados elementos da socialização aqueles que podem ser definidos como meio de interação que estabelece um liame entre os sujeitos da relação social (QUEIROZ, 2016).

### 3. CONCLUSÃO

Considerando os pontos traçados ao longo deste trabalho, pode-se concluir que Émile Durkheim e Georg Simmel desenvolveram reflexões sobre as transformações da sociedade e a construção do sujeito moderno tendo a divisão social do trabalho como ponto em comum, de modo que ambos perceberam que essas transformações proporcionaram o crescimento da autonomia individual e, ainda, da interdependência dos indivíduos.

Durkheim atinge essa percepção a partir da análise do fenômeno moral, pois com o advento da modernidade e com as transformações sociais oriundas dela houve um enfraquecimento da consciência coletiva, dando lugar a divisão social do trabalho como mantenedora da coesão social e, também, como regulador das ações dos indivíduos por meio de uma solidariedade diversa daquela existente nas sociedades tradicionais, o que foi denominado como solidariedade orgânica.

Simmel, por outro lado, também observa a divisão social do trabalho como causa de distinção social na qual ocorre uma sobreposição da cultura objetiva em detrimento a cultura subjetiva, de modo que a liberdade individual passa a coexistir em um processo de “socialização”, destacando que a causa desse paradoxo é a economia monetária.

Conclui-se, portanto, que ambos os autores discutiram como os indivíduos se transformaram a partir do advento da modernidade e como a autonomia desses sujeitos pode ter relação com o crescimento da cultura objetiva em sobreposição a cultura subjetiva, discutindo, ainda, os laços de solidariedade orgânica como bases das relações sociais que dão causa ao processo de diferenciação social resultante do mundo moderno.

### REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Esdras Bezerra Fernandes de; BARBOSA; Anna Kristyna Araújo da Silva. O individualismo moderno nas sociologias de Simmel e Durheim. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rappgs/index>. Acesso em: 25 jun. de 2020.

CARVALHO, Renan Oliveira de. A modernidade nos clássicos da Sociologia: percepções acerca do mundo moderno em Tocqueville, Durkheim e Weber. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/71035>. Acesso em: 25 jun. de 2020.

CONSTANTINO, Patricia; ASSIS, Simone Gonçalves de; PINTO, Liana Wernersbach. O

impacto da prisão na saúde mental dos presos do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: [https://scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/csc/v21n7/1413-8123-csc-21-07-2089.pdf](https://scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v21n7/1413-8123-csc-21-07-2089.pdf). Acesso em: 26 jun. de 2020.

DURKHEIM, E. “Método para determinar essa função”. In:\_. Da divisão do trabalho social. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANDOLOSO, Tallita; OLIVEIRA, Lisandra Antunes de. O Impacto das Vivências no Sistema Prisional Sobre a Subjetividade dos Detentos. *Psicologado*, [S.l.]. (2015). Disponível em <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-social/o-impacto-das-vivencias-no-sistema-prisional-sobre-a-subjetividade-dos-detentos> . Acesso em 28 Jun 2020.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro. Ed 34, 1994.

LIMA, Renata Mayara Moreira. *A crítica do mundo moderno em Georg Simmel*. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/index>. Acesso em: 25 jun. de 2020.

QUEIROZ, Glalber. *Sociedade e sociabilidade segundo Georg Simmel*. Disponível em: <https://glalberqueiroz.jusbrasil.com.br/artigos/361834236/sociedade-e-sociabilidade-segundo-georg-simmel>. Acesso em: 25 jun. de 2020.

SANTOS, Juarez Cirino dos. *Teoria da pena: fundamentos políticos e aplicação judicial*. Curitiba: ICPC, 2005.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SIMMEL, Georg. “As grandes cidades e a vida do espírito”. *Mana*. Nº 11. Vol.2, 2005.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

WILLADINO, Raquel; NASCIMENTO, Rodrigo Costa do; SILVA, Jailson de Souza e. *Novas configurações das redes criminosas após a implantação das UPPS*. Disponível em: [http://of.org.br/wp-content/uploads/2018/07/E-BOOK\\_Novas-Configura%C3%A7%C3%B5es-das-Redes-Criminosas-ap%C3%B3s-implanta%C3%A7%C3%A3o-das-UPPs.pdf](http://of.org.br/wp-content/uploads/2018/07/E-BOOK_Novas-Configura%C3%A7%C3%B5es-das-Redes-Criminosas-ap%C3%B3s-implanta%C3%A7%C3%A3o-das-UPPs.pdf). Acesso em: 26 jun. de 2020.